



CRÓNICA DE VIAGEM

OLHAR E APRECIAR A PAISAGEM E CULTURA TIMORENSES¹

Vicente Paulino

Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa

vlino78@yahoo.com

This paper is in draft form. You are welcome to cite it, but **please reference it appropriately** – for instance in the following form:

Vicente Paulino, 'Crónica de Viagem Olhar e apreciar a paisagem e cultura timorenses', Paper presented at the 2th international conference of Anglo-Portuguese Studies – on 18th to 20th April 201 (FCG – Lisbon), online version of 15th February 2012, available at <http://www.historyanthropologytimor.org/> (downloaded on [date of access])

¹ A pesquisa para este texto foi apoiada por uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e desenvolvida no âmbito do Projecto *As ciências da classificação antropológica em Timor Português*, financiado pela FCT (Ref.ª HC/0089/2009).

Consideração prévia

Viajar é uma necessidade e, simultaneamente, uma descoberta que o homem gosta de fazer, ou seja, a palavra “viajar” é um verbo que vem ao encontro do projecto do homem em busca do tesouro de vida, é a realização de um sonho adiado ou um projecto imaginado que terá de ser realizado para fazer a história. Assim, responde aquilo que o famoso poeta português do século XX, Fernando Pessoa, exclamou: “Deus quis, o homem sonha, a obra nasce”. Todavia, todo o diálogo entre as nações ou civilizações gera um processo de representação no qual os autores envolvidos – o viajante e o acolhedor – criam um olhar entre si, no sentido de procurar saber exactamente sobre as características de cada um. Desde o século XVIII até ao início do século XX, os principais agentes envolvidos na primeira fase de contacto cultural foram protagonizados por viajante (estrangeiro) e tradutor (acolhedor). O viajante cria uma imagem negativa ou positiva sobre o povo que o acolheu através dos seus relatos ideias e divulga-os pelo mundo fora.

A propósito do argumento justificado, destaca já, o objectivo do trabalho a ser aqui abordado. Este trabalho pretende debater a função da literatura de viagem a Timor e, conseqüentemente, a sua importância na apreciação e preservação da imagem do lugar. Considero que o papel dos relatos de viagens turísticas é muito importante para o estudo descritivo-histórico de uma terra longínqua como a de Timor. Pretendo abordar também relatos de viagens a Timor escritos em inglês, nomeadamente as obras de William Dampier (1729), Henry Forbes (1885), Anna Forbes (1887) e Alfred Wallace (1869). Os seus relatos são de cariz antro-po-etnográfico, ou seja, apontamentos etnográficos e culturais sobre a população timorense, embora as descrições sejam, por vezes, contrastantes.

Importa a dizer que, nenhuma declaração pode soar mais óbvia do que a que assegura ser Timor-Leste um país privilegiado em termos de paisagem natural: praias lindas (como a Areia Branca de Díli, de Liquiça, de Sanirin, das praias da costa sul e do ilhéu Jaco), florestas tropicais encantadoras, paisagens magníficas das montanhas. Já desde os mais remotos tempos, os antepassados do povo timorense identificaram a terra de Timor como um território livre, elogiando entusiasticamente as maravilhas do lugar onde construíram aldeias e casas.

1. Território e a gente timorense

No século XVIII, os grupos de viajantes anglo-saxónico – William Dampier, Alfred Wallace, Henry Forbes, Anna Forbes – fizeram uma curta passagem a Timor, com certas ideias de que Timor é uma ilha cheira de sândalo², que hoje distinta. Na sua visita, foram alimentados pela ideia de admiração que consideravam a gente da ilha de Timor, que consideravam pessoas acolhedoras, como pela gastronomia, pelas temperaturas amenas, pelos muitos sol e praias encantadas. A esta realidade, o navegador britânico, William Dampier (1729 [2005:17]) chegou mesmo a afirmar que a ilha de Timor foi constituída por setenta léguas de comprimento e catorze ou dezeseis de largura, não houve rios para a navegação e portos específicos, mas esta terra tinha belas praias.

Timor é uma ilha que integra a pequena Sunda, conjunto parcial do grande arquipélago indonésio, sendo a maior das pequenas ilhas que o compõem. Como parte da Insulíndia Oriental, constitui, do ponto de vista natural, uma zona de transição entre a Ásia e a Oceânia. De qualquer modo, a ilha de Timor faz parte da zona tectónica chamada “arco externo” da Insulíndia, a sua origem deve estar no enrugamento alpino de que constitui a extremidade onde há uma ligação directa entre à Eurásia e ao “anel de Fogo Pacífico” através da ilha de Ataúro no qual a ser considerada como origem vulcânica de Timor-Leste³. Como esclareceu o naturalista britânico – seguidor da teoria de Charles Darwin – Alfred Wallace (1869:193) que: “The island of Timor is about three hundred miles long and sixty wide, and seems to form the termination of the great range of volcanic islands which begins with Sumatra more than two thousand miles to the west”. Simultaneamente, fez algumas referências sobretudo à fauna de Timor.

Na segunda metade do século XIX, Wallace esteve algumas semanas no Timor Holandês (o actual Timor Indonésio) em 1859 e no Timor Português (o actual Timor-Leste) durante 4 meses em 1861:

² Dizia William Dampier na sua crónica de viagem: “Aqui [em Timor] cresce o sândalo e muitos tipos de árvores. Os pinheiros são rectas e encorpados, mas não muito espessa” (1729 [2005:22]).

³ Luís Filipe R. Tomás, “O Caso de Timor”, in *Democracia e Liberdade*, Lisboa: Instituto Democracia e Liberdade, n.º 6, Junho, 1978, p. 71.

I arrived at Delli, the capital of the Portuguese possessions in Timor, on January 12, 1861, and was kindly received by *Captain Hart*, an Englishman and an old resident, who trades in the produce of the country and cultivates coffee on an estate at the foot of the hills. With him I was introduced to *Mr. Geach*, a mining-engineer who had been for two years endeavoring to discover copper in sufficient quantities to be worth working (Wallace 1869:197).

Este naturalista fez uma observação cuidadosa e chegou a dividir o arquipélago em duas grandes linhas: o oeste foi habitado por raça “Malaia” e leste foi habitado por raça “Papua”: “I had arrived at the conviction that the eastern and western halves of the Archipelago belonged to distinct primary regions of the earth, I had been led to group the natives of the Archipelago under two radically distinct races (...) Malays and Papuas” (Wallace 1869:30), tendo estas distinguindo por estruturas corporais, comportamento e carácter moral. Justificando ainda que os grupos caracterizados como Papuas eram os mais activos em todas as actividades sociais, por isso que, eram povos ruidosos e extrovertidos; já que os Malaaios, cujos povos tranquilos, indolentes e escondiam os seus sentimentos.

Wallace (1869:208) relatava que o povo de Timor não pertencia a raça “Malaia”, nem em aparência nem em comportamento. Foi assim que ele retratava as mulheres de Timor (as *nonas* de Kupang): “The way in which the women talk to each other and to the men, their loud voices and laughter, and general character of self-assertion, would enable an experienced observer to decide, even without seeing them, that they were not Malays” (Wallace 1869:194).

William Dampier, por seu turno, justificava que os habitantes da ilha de Timor eram índios – cuja característica assemelha-se aos povos da América do Norte e do Sul –, um povo com estrutura corporal média, recta, cabelos negros e lisos, a pele muito morena. Simultaneamente, com um tom irónico e arrogante classificou este povo como “They are very dexterous and nimble, but withal lazy in the high degree. They are said to be dull in everything but treachery and barbarity” (Dampier 1729 [2005:23]). Se assim, pergunto eu, será que a Europa na era William Dampier já estava completamente pacificada ou civilizada?

É uma ideia que não está dentro das perspectivas dos outros naturalistas e etnógrafos, como o caso de Alfred Wallace que chegou a afirmar que as características do povo de Timor estavam mais próximos da raça Papua da Nova Guiné. Entretanto, Wallace enquanto homem naturalista e evolucionista fez uma avaliação ao seu trabalho

e tê-lo justificado como “cientificamente estratégica” (Roque 2008), pela razão da sua integração directa no território dos povos “não-civilizados” e manifestava sempre uma posição oposta com seus colegas naturalistas do século XIX, porque na sua teoria não chamava as tribos selvagens de “primitivas” e nem as considerava moral ou intelectualmente “inferiores” aos europeus (cf. Smith, 2003:2), porém, em alguns casos, utilizou sempre a expressão “primitivas” aos povos não ocidentais, e além de mais, advogou que a melhor classe timorense era aquela que teve uma mistura de alguma raça superior (Wallace 1869:195).

1.1. Uma terra de cruzamento cultural

Timor-Leste é um país de cruzamento cultural, constituído pelas sucessivas migrações de povos austronésias, papua-polinésios, malaios, os europeus, chineses e até indianos. Assim, deve afirmar-se que as raças humanas encontradas no território do Estado-nação de Timor-Leste são resultados dessas mesmas migrações. Pela pertinência desta realidade encruzilhada cultural, William Dampier, após a sua chegada em Timor em 1699, comentou essa realidade, afirmando que naquela altura só havia quarenta ou cinquenta casas, uma igreja e três homens brancos, dois dos quais eram sacerdotes portugueses. Falou também da presença de mercadores chineses procedentes de Macau (Dampier 1729 [2005:20]).

O casal Forbes foi recebido à chegada ao cais de Díli pelo seu amigo Major França (ainda governador de Timor Português) e sua família. A recepção de boas-vindas foi entusiasmada e bastante alegre, mas alguns dias depois essa alegria foi abalada pela morte da pequena Maria, filha do Major da França (Forbes 1885:415). Foi uma história terrível para aquela época, a “malária” grassava em Timor. Anna Forbes – a mulher do Henry Forbes – estava triste pela morte da Maria e pelo clima que afectava os timorenses da cidade de Díli, principalmente as crianças magras e doentes:

They joy of our meeting was damped by the too evident signs that they one and all suffered greatly from the climate. The little Marie, who used to prattle so prettily on the voyage out, had not long survived the deadly influence, and lay in the Santa Cruz. They boys were thin and sickly, so different from the merry lads we had last seen; and all wore a wretched pallor which it scarcely needed the recital we listened to, as we sat together, to explain (Forbes 1887:229).

Face a tal realidade, Anna Forbes colocou algumas perguntas, como: Por que as pessoas vivem em Díli estão doentes? Era uma pergunta que ela tinha e muitas vezes foi apresentada ao marido Henry. E, como ela era uma mulher inteligente e esperta, apresentou de imediato uma resposta satisfatória: “Seria mais fácil semear o pântano do que para fazer um bom caminho para as montanhas” (Forbes 1887:245). O que curioso nesta resposta ironizada e metafórica é a crítica indirecta ao governo colonial de Timor Português, que não se preocupava tanto com as condições sociais e económicas da população colonizada, embora alguns europeus, ditos portugueses, também tenham sido vítimas do surto de malária que abalou a ilha no século XIX. Tal foi o caso, por exemplo, da morte da filha do governador, o major Bento da França.

A cultura timorense é cada vez mais híbrida, pois a cultura portuguesa – nomeadamente a língua e a religião – prolonga-se até hoje como um dos elementos indispensáveis na afirmação da identidade timorense. Nota-se este elo de ligação no relato de viagem do viajante e naturalista inglês Henry Forbes, ainda que, pela sua falta de preparação, ele não tenha conseguido descrever todas as línguas timorenses, porque a maioria da população de Timor não entendia uma ou outra: “In East Timor, there are sixteen dialects; I am not prepared to say they are language. The Following is a list of the names which I have been able to obtain in the region traversed by me: Mambia or Kaladi, Tetu, Idate, Lakalé, Haukenke, Veke, Vaiqueno, Galolo, Marai, Manobai, Kemak, Tocudade, Dagadá, Macassai, Naubete, Meadik” (Forbes 1884:405; 1885:426).

Nesta pequena nota, o naturalista Forbes não referia as outras duas línguas de Timor, o bunak e fatuluku. Até ao início do século XIX, o português era utilizado como língua de comércio, de administração e de instrução, como testemunhou Henry Forbes (1885:417): “in going into the various offices and shops I was struck to find all business conducted not as in the Dutch possessions in the língua franca of Archipelago, Malay, but in Portugueses”, e mais adiante que “o tetu is more or less the língua franca of East Timor”, esta língua goza hoje do estatuto de língua oficial de Timor-Leste, a par do português. A observação de Henry Forbes era visível nas preocupações dos seus empregados, que referiam que em Timor a língua Malaia era estranha e a gente desta terra falava a língua portuguesa, não o Malaio. Assim relatou Anna Forbes (1887:241):

It is strange to hear no Malay in Timor, this language is heard otherwise all over the civilised archipelago; but natives here must learn the language of the possessors [Portuguese] if they will have any contact with them. (...) Our Amboina servants who had been with us in Timor-Laut [=Yamdena] said

they would willingly accompany us to any other island of the archipelago except Timor, [because] where their language was not spoken, and the natives were so different.

A testemunha de Anna Forbes destacava apenas o isolado enclave de Oé-Cussi, que se rodeia das regiões da Indonésia, mas quando as tropas indonésias entraram em Timor Leste, encontraram uma população que não entendia nem falava malaio (Hull 2002). William Dampier, por sua vez, testemunhava ser muito difícil distinguir os timorenses aliados como sendo portugueses ou naturais da ilha e “Their language is Portuguese; and the religion they have is Romish” (Dampier 1729 [2005:24]).

Não existe uma cultura timorense única e homogénea. Cada uma das várias etnias possui o seu património cultural, que sofreu, em maior ou menor grau, consoante a localização, uma aculturação com elementos introduzidos pela influência portuguesa. É o caso da capital do actual Estado Timor-Leste, na época da colonização portuguesa, Díli foi uma cidade de muitas gentes, onde se encontravam timorenses de todas as partes do território, sujeitos ao fenómeno da atracção dos grandes centros. Como foi nesta cidade que viveu o maior núcleo de população europeia, muitas superstições e credências dos timorenses ressentiram-se da influência da Metrópole (Forbes 1887:231).

As diferentes anotações feitas em Timor revelam uma vivência quase exclusivamente centrada em Díli, logo, Díli era classificada como uma cidade multicultural. As ruas de Díli ofereciam variedades de surpresas aos viajantes que procuravam realizar a sua pesquisa de campo nos estudos antropológicos e etnográficos, mistura de raça e de nacionalidade. A população da cidade misturou-se com os portugueses de Moçambique, indianos de Goa, chineses de Macau (Forbes 1885:418).

Díli não era uma cidade feia como imaginavam alguns viajantes que por lá passavam, já havia algumas casas de pedra e cal; havia uma pequena igreja decente; não existiam os grandes edifícios públicos nessa era do século XIX; e os responsáveis administrativos portugueses eram – na sua maioria – soldados degredados. Por isso, Timor era classificado como terra do exílio dos civilizados. Contudo, sobre a Igreja em Díli, recordou Anna (1887:235) que “a igreja, o mosteiro e o convento de Díli, são os únicos edificios de reparação sem falhas”. É necessário conhecer também as pessoas e o clima do território para se poder convocá-los a integrarem-se na missão civilizadora⁴, e isso, sem dúvida, pode recompensar os esforços de alguns missionários e timorenses

⁴ A expressão da palavra “missão civilizadora” foi utilizada pelos missionários para diferenciar os povos europeus, ditos cristãos, com os povos não cristãos. Os povos não cristãos foram chamados “povos sem religião” ou “gentios”.

assimilados. Mesmo assim, os timorenses ainda continuavam manter as suas crenças e tradições, e por isso, alguns missionários, por exemplo, Pe. Abílio José Fernandes (1931) caracterizava o povo de timor como um “leviano, animalesco e não tem religião própria”, porque ainda estava tão longe a entrar na vida civilizacional cristã chamada “católica romana”, e o Pe. Jorge Barros Duarte, por sua vez, classificava os timorenses como povos que ainda estavam no tempo entre a selva e civilização. É na verdade que foram expressões ingénuas e pouca digna.

Os sentimentos e emoções das pessoas transformam-se constantemente; nas comunidades e nos grupos sociais, elas reorganizam-se em discussões com interesses e significados diversos, como acontece nesta reveladora passagem de Anna Forbes (1887:262):

We went down to Dilly this week to meet the mails, when I posted my last to you. We debate long ere I could decide to go, but the prospect of a day with our friends was so tempting, that I risked the fatigue. On our former visit we arrived amongst them just as they were gathering for breakfast – hot, draggled, and dusty; and we felt so uncomfortable beside them, so fresh and cool, that we resolved to have our man carry fresh garments for us next time, anda to dress in the shade of the last cluster of trees. (...) Mdlle. Isabel tells me it was a girlish dream of hers to be femme d’explorateur (the history of the discoveries of the Portuguese is very fascinating), but she now sees that the life is not all romance and perpetual picnicking.

O casal – Henry e Anna – não tinha apenas por objectivo apreciar as maravilhas do aparecimento do sol e as raras belezas que rodeiam a cidade de Díli. Por isso viajou de Fatunana⁵ – local onde foi instalada a sua casa – para a cidade de Díli, cuja finalidade era ir ao encontro da autoridade colonial e os respectivos *liurais* (reis) locais no sentido de acelerar o acordo sobre a viagem do Henry para o interior do país. O Henry queria ir de imediato para o interior, mas os agentes referidos adiaram-lhe a viagem à espera que a chuva parasse, e prometeram-lhe que logo no início da Quaresma, iam enviar-lhe os homens para o acompanharem na viagem.

O mês de Março, em Timor, normalmente, chove bastante. A menina Isabel e sua família viajaram para a região de Baucau, uma pequena cidade cerca de oitenta quilómetros, construída num planalto mais de 2000 metros. Em Díli só ficava o governador major Bento da França e sua esposa, uma família simpática e decente.

⁵ Provalvemente, *Fatunana* é o mesmo que Fatunaba. A esta aldeia está ligada uma quadra popular timorense: “liu husi Fatunaba/han kokonaba/noi sira Fatunaba/ kaben nabanaba – passando por Fatunaba/come kokonana/as meninas de Fatunaba/são muito casadoiras”. “Kokonaba” é uma fruta silvestre que abunda nas matas de Timor-Leste.

Henry Forbes estava ansioso em deixar sua esposa Anna sozinha em Díli, apesar de não ser uma boa ideia e além disso, era muito difícil arranjar uma empregada para tratar dos trabalhos domésticos. Pelo facto, dizia Anna Forbes (1887:263): “We expected to get some one to replace *Goma*, who must go to his own island this week; but there seems small chance for us, when there is no respectable servant to be found for the Governor's household”. A esta situação desesperada, o Henry encontrou uma velha senhora timorense que estava prontamente disposta para ajudar a Anna nos seus trabalhos domésticos. Mas, ela não queria saber de ninguém e tinha medo de que os timorenses lhe fizessem mal (Forbes 1885:426). Sendo assim, Henry Forbes continuou avançar com o seu plano inicial que era muito importante para o seu estudo etnográfico. Organizou as cargas necessárias e às onze horas (era o dia 30 de Março) com outros homens timorenses, cavalgaram em direcção a terra do reino de Bibiçuçu. Anna Forbes estava preocupada com a segurança do seu marido, mas o organizador de viagem (timorense) aconselhou-a de que ela sendo inglesa nada tinha a temer, se alguma coisa lhe acontecesse seria eu (timorense) defende-lho:

He [Timorese] encouraged her with assurances that there was nothing to fear for my safety, swearing to her on the cross-hilt of his sword that if anything befell me it would be over his body, and solemnly charged also the little old woman who was to be her factotum, that if she failed in her duty she might expect, on my return, all the calamities that her superstition could picture to her (Forbes 1885:427).

Parecia que essa viagem fora realizada de acordo com um contacto prévio com o rei de Motaél, de Bibiçuçu e de Samoro. Os filhos desses reinos eram *asu'ain* (guerreiros de guerra) e a sua história estava bem marcada na revolta contra a presença portuguesa em Timor.

A distinção do espaço e do tempo era também evidente na observação de Henry Forbes. O tempo dos sonhos não se refere ao passado em nenhum sentido literal (a um tempo que estava presente e desafiava a qualquer um ser humano). A viagem de Henry Forbes estava calculada pelo tempo e desafiada pela latência temporal e psicológica da paisagem envolvente, pois disse o naturalista, que em Timor não existia nenhuma estrada em qualquer lugar e todos os caminhos foram construídos propositadamente pelos timorenses de forma facilitar a sua passagem.

No such thing as a road exists anywhere in Timor. All the paths follow the knife ridges of the hills, or skirt along the face of precipitous slopes, invariably in deep ditch-like trenches, out of which a stumble would fatally land either horse or man hundreds of feet below. The Timor horses are wonderfully sure-footed, and seem quite accustomed to these difficult ways (Forbes 1885:228).

Alfred Wallace confessou que queria ir ao interior de Díli, mas não podia fazer nada devido ao seu problema de saúde e o problema de rebelião dos reinos contra a presença portuguesa. Ele residia, no entanto, numa área mais fértil, pelo menos de 2 quilómetros da cidade e passou duas semanas a viver na serra de *Baliba*⁶:

Owing to ill-health, the wet season, and a rebellion of the native tribes, I was unable to extend my excursions far from the town of Delli. I resided, however, in one of the most fertile valleys, about two miles from the town, and spent two weeks on the mountains at an elevation of 2000 feet. I was accompanied on this excursion by Mr. Geach, a mining engineer, who has been engaged here for more than two years in search of minerals, during which time he has traversed the island in several places from sea to sea, and who is altogether better acquainted than any person living with the eastern half of Timor (Wallace 1869:198; 1861:347).

A serra de *Baliba*, segundo ele, era composta por três casas, apenas com muros baixos, telhados de palha com o capim inclinado para dentro de dois ou três metros do chão. Uma casa que ficou inacabada e parcialmente aberto na parte de trás foi dada para o uso da sua equipa, e nela montaram uma mesa, alguns bancos, e uma tela, enquanto uma porção interna aberta servia de dormitório. Advogava ainda Wallace (1869:199), foi dar uma vista de olhos deslumbrantes sobre Díli e o mar. A volta do país foi ondulante e aberto, excepto os buracos, onde havia algumas manchas de florestas, que o Sr. Geach, tinha registado tudo sobre a parte oriental de Timor, assegurou-se que foi a mais luxuriante que tinha visto na ilha.

1.2. Os reinos e o espaço habitacional

O território do actual estado Timorense estava dividido em múltiplos reinos, mais ou menos desenvolvidos e poderosos. A divisão da estrutura organizacional dos reinos tem-se mantido através dos tempos. Estes reinos eram independentes entre si, com uma

⁶ Provavelmente, *Baliba* é o mesmo que Balibar, onde se encontra a casa do actual primeiro-ministro timorense, Xanana Gusmão.

estrutura piramidal, cujo poder central está no vértice, *liurai* [significa Rei]. Eles, muitas vezes, criaram as alianças mútuas para o fim de resistirem contra os ataques dos inimigos formados noutras regiões. Foi este tipo de organização que Henry Forbes justificou no seu diário de viagem.

The whole of East Timor is apportioned out under certain chiefs called Leoreis (King), each of whom is independent and absolute in his own kingdom. At present there are forty-seven of these; but many of them possess far greater influence than, and exercise a sort of vassalage over, the others. Each Reno (kingdom), or kingdom, is divided into districts each of which is called a Suku, ruled over by a Data, who receives his orders from the Leorei by a special officer appointed for that purpose. The Dato has under him two other officials, a Cabo and a Tenente who assist him in the regulation of the Suku (Forbes 1885:425).

O espaço habitacional timorense era construído em forma de quadrado, por vezes sobrelevados. As suas roupas eram “táis”, ou “lipa” (*sarung*, em língua indonésia – *o vestuário do homem*) ou *kambatik* (vestuário da mulher), estes designam-se “táis feto” e “táis mane”. As jóias para o adorno corporal (quer do feminino bem como os masculinos) são pulseira de ouro, prata e bronze.

As aldeias em Timor-Leste são constituídas por diversos tipos de construções de casas. A essa mesma razão que no século XIX, Wallace (1869:195) escrevia: “The village consists of curious little house very different form any I have seen elsewhere. They are of an oval figure, and the walls are made of sticks about four feet high, placed close together. From this rises a high conical roof thatched with grass. The only opening is a door about three feet high”. A casa tradicional é uma das formas de produção de obras culturais humanas, que também consiste em símbolos, tanto nas formas visíveis como invisíveis. Assim, a casa é um produto cultural de um país. Existem vários modelos de casas tradicionais timorenses, consoante cada região. Hoje, a aldeia e as casas antigas observadas por William Dampier (1729 [2005:23]), Alfred Wallace (1869:195) e Henry Forbes, nas suas obras já não existem, pois estas já foram transformadas em cidade urbana moderna.

O estudo de investigação etnográfica permite identificar e interpretar a historicidade quotidiana da identidade local. O pensamento e o imaginário das pessoas do lugar estão reflectidos em grande parte nas suas crenças, mitos e rituais. O poder do mito é estruturante para os comportamentos nas localidades, por exemplo, o mito de origem da palavra *Maromak* (Deus) e da origem da família linhagística através de um

processo matrimonial chamado “barlaque”, que o próprio naturalista Henry Forbes constatou no seu diário de viagem ao reino de Bibicuçu. Porém, Henry Forbes não foi capaz a identificar a referida crença timorense como uma instituição religiosa, mas referiu que este tipo de crença tinha uma forte ligação à prática do sagrado, o que diz respeito à existência de um Deus. Ainda segundo Henry Forbes, este nível de crença foi introduzido na ilha com a migração de povos das ilhas do Pacífico; ao mesmo tempo, os ritos eram quase semelhantes do ritual romano.

1.3. Uma ilha encantada

Apesar de representar uma área pequena, Timor-Leste é extraordinariamente rica em cenários de rara beleza, com “recantos e encantos” de um verdadeiro jardim flutuante. Todos os visitantes da ilha saíam para a varanda da pensão ou da residência para verem o aparecimento da estrela de manhã. Surpreende, de facto, como destaca a descrição a seguir, da Anna Forbes (1887:246):

With the marvelous quickness of the awakening tropical day, the brilliant morning sun lit up the scene, and I looked down the steep valley at my feet, away over the forest and the green plain and the town, out to the vast stretch of sea, set with the prominent isle of *Kambing*, and enclosed by two high promontories, the abruptness of whose outline was broken by trending islets.

Anna Forbes (1887:243) recordava o seu pequeno passeio na grande extensão da planície verdejante da cidade de Díli, onde não se encontrava nenhuma forma de protecção contra os raios do sol ardente. Sendo assim, ela ficou contente por ter sido um pouco protegida pelas sombras agradáveis das folhas largas dos coqueiros e das bananeiras, no meio de borboletas que voavam entre arbustos e pássaros que gorjeavam entre os ramos altos dos coqueiros. Embora ela fosse uma mulher ambiciosa e crítica, ao mesmo tempo mostrava sempre o seu espírito de amabilidade, de sensibilidade e de apreciadora da beleza natural.

Apreciar as coisas boas é uma acção humanística e preservadora, também sinónimo de dizer assertivamente isto é “bom” e “belo”. Saber apreciar as coisas boas implica que sejamos como um naturalista que observa a natureza e depois aprecia – plantações, culturas, costumes e até as plantações comestíveis –, por exemplo, apreciar a cultura do café de uma sociedade. Sobre este facto, dizia Anna Forbes (1887:260): “o

café é muito abundante na ilha e excelente qualidade”, e mais adianta que “estamos felizes, a situação é agradável; as paisagens devem ser muito bonitas, vistas diariamente, por favor diariamente” (Forbes 1887:234, 269).

Um dia ela e o marido deram um passeio pelo planalto de Díli, sob altas árvores frondosas, cujos ramos baixos lhes cortavam o rosto e rasgavam a roupa, mas, mesmo assim, eles continuaram o seu maravilhoso passeio para observar a magnífica cidade de Díli que sempre foi ladeada por palmeiras e belas praias. Naquele passeio, dizia Anna (1887:251): “Planalto é planalto, coberto por verdura rica, sentámo-nos numa das árvores caídas para descansar um pouco. Os pastores de cabras e porcos selvagens assutavam-se”.

Era admiração absoluta o que o casal sentia naquela altura. Julgo que o passeio que o casal deu foi uma visita ao local onde a sua casa foi construída. A casa desse casal foi construída por timorenses, Anna pensava que o seu lar já estava pronto para ser habitado, mas ainda não estava. Eles - referia Anna - “homens rudes da montanha, estavam connosco. Eles trabalharam por *trancos e barrancos*⁷, metade [destes homens] estavam sempre sentados a preparar o betel e areca”. Anna interrogava-se silenciosamente sobre a atitude daquela gente e mostrava a sua repugnância e descontentamento. Eles - continuava Anna - “na manhã do quarto dia, já eram 10 horas, ainda não tinha feito nada, disse-lhes que deviam ir embora, a casa estava terminada, mas eles continuavam lá” (Forbes 1887:248).

O dia ia chegando ao fim, o sol começava a esconder-se por trás do horizonte, eles (os homens) continuavam sentados a mascar o betel e areca. O casal não percebia nada do que se passava e o que iria acontecer. De repente, ouviu-se uma exclamação de alegria, “eram cinco da tarde, apareceu um homem com um porco aos ombros para inaugurar a nossa nova instalação” (Forbes 1887:248). Para Anna, este tipo de festa era uma novidade, ao mesmo tempo, uma forma de compreender a tradição timorenses que ela própria repugnava.

Um dia, a mulher de Henry foi assutada por um terramoto em Díli, dizendo: “que grande convulsão ocorreu em Timor?”. Ela relatou pormenorizadamente aquele terramoto e afirmou que alguns prédios foram abalados, como, por exemplo, o hospital, e alguns inválidos foram mortos ou morreram de susto. Mas o terramoto não tinha acabado como a gente de Díli imaginava, pois certa manhã - disse Anna - “como a luz

⁷ São expressões parabólicas que os timorenses expressam diariamente nas suas festas formais, designadamente, nas construções das casas.

era fraca e apagava-se por si, de repente, fui acordada por um barulho sobrenatural, faísca e brilho. Um terramoto, eu chorei, todas as casas estavam a cair, eu saltei e corri para o pátio traseiro. A escuridão e o silêncio só me reconheciam. Voltei ao meu quarto com perplexidade, (...) A sensação de um terremoto é inesquecível: senti-lo uma vez, e você não tem qualquer dúvida sobre o que significa o adormecimento do balanço de baixo da terra” (Forbes 1887:264, 265). O terramoto cessou, o casal Forbes sentou-se à varanda da sua casa, observando a ilha *Kambing*, de modo a poder apreciar os fluxos de luz de leste que viam aparacer no horizonte:

We are out on the verandah ere the outline of the friendly Kambing Isle is yet visible, to watch the streams of light from the eastern horizon touch her with wakening hand. Soon the mists creep from her crannies and crown her crests, ere long to float away, leaving the sunlight to dance on her ridges, and nestle into her nooks. Early morning past, she is coquetting with the wooing clouds, now all gay and responsive, again sulking in sullen shade. Mid-day finds her reposing on the breast of the cobalt sea, colourless with brilliancy, as if pale from the strong heat. Thus she sleeps through the long afternoon, till she rouses to wear her richest blue and regal purple as she asserts her stately outline against the soft-tinted sunset sky; and at last, when the monarch of day concentrates all brightness on himself for his glorious adieu, she slowly retires from view, and withdraws into the gathering shades (Forbes 1887:270).

Parece-me que a Anna dava muito a importância as coisas naturais, como se a própria razão da vida dependesse delas. Era assim, com um pequeno olhar ou uma pequena observação, que apreciava as coisas. Anna animou a sua alma viajante com o fresco ar tropical, acordava o mais cedo possível para ver o nascer do sol e sentava-se na varanda da casa para ver o encanto do por-do-sol no horizonte. Na sua estadia em Timor, não se importava se o sol brilhava, se a chuva saciava, se a comida estava boa ou a saúde perfeita. Isso prova a sua sinceridade diante da vida em busca da perfeição das coisas que nunca vira em lado nenhum.

2. Um olhar sobre a flora e fauna

A vegetação da ilha de Timor é abundante, e as suas formações primárias apresentam um carácter místico, tendo a floresta secundária uma grande representação e um importante papel, com cobertura espessa e orlas fechadas que a tornam quase impenetrável – nomeadamente na ponta leste do território, por exemplo, no ilhéu do

Jaco. De resto, o mangal é característico do litoral e emerge das próprias águas salgadas ou salobras. Na costa Sul, pluviosa, a florestas mais rica em géneros e espécies. Talvez seja esta a ideia que tenho da minha terra Timor-Leste, onde, já no século XIX, se encontravam vários contributos dados pelos naturalistas e etnógrafos europeus, entre os quais se destacam Henry Forbes (1885:470-471 e 499-523) que, na esteira de Wallace, deixou algumas referências sobre a flora de Timor, que na sua maioria faz parte de uma série de espécies existentes no vasto Arquipélago Malaio, que ele encontrou na ilha. Para Wallace (1869:20; 1863:480): “In Timor the most common trees are Eucalypti of several species, so characteristic of Australia, with sandal-wood, acacia, and other sorts in less abundance”⁸, e William Dampier (1729 [2005:21] argumentou que

The trees that grow naturally here are of divers sorts; many of them wholly unknown to me; but such as I have seen in America or other places, and grow here likewise, are these, namely mangrove, white, red and black; maho, calabash, several sorts of the palm kind: the cotton-trees are not large, but tougher than those in America: here are also locust-trees of 2 or 3 sorts, bearing fruit, but not like those I have formerly seen; these bear a large white blossom, and yield much fruit but, it is not sweet.

Timor-Leste é um jardim plantado de árvores e plantas comestíveis, nomeadamente, palmeiras, mandioca, milho, café e tamarindeiros. Como bem dizia Dampier (1729 [2005:22]), “aqui em Timor crescem árvores de tamarindo, não muito grandes”. Henry Forbes (1885:227), por seu lado, escreveu: “a vegetação de [Timor] era quase exclusivamente *Melastomacex* (...) o capim tomou o lugar de todas as outras formas de vegetação”.

Timor-Leste tem uma composição de fauna caracterizada por uma enorme riqueza nas suas águas, onde se podem ver deslumbrantes corais, estrelas-do-mar, peixes coloridos, baleias e, nas suas costas habita também o crocodilo marinho; diversas aves como o pombo verde de Timor (*Treron psittacea*), o pombo imperial (*Ducula cineracea*), o pombo preto (*Turacoena modesta*), a catatua amarela (*Cacatua sulphurea*) o pardal de Timor (*padda fuscata*) (Vulnerable) e o mergulhão (*Gallinula hoedtii*). De acordo com Alfred Wallace (1869:196, 198, 199), havia várias aves de asas brancas e bonitas em Timor, como o pardal, toutinegras e papamoscas. Sendo assim, Wallace não foi capaz de reconhecer as suas próprias colecções

⁸ “Em Timor as árvores mais comuns são os eucaliptos de várias espécies, tão característicos da Austrália, como sândalo, acácias, e outras espécies em menor abundância” (Wallace 1869:20).

sobre tais espécies, como fora mencionado por Dampier, que parecia estar interessado em observar os sons produzidos pelos pássaros de Timor:

One sort of these pretty little birds my men called the ringing-bird; because it had 6 notes, and always repeated all his notes twice one after another; beginning high and shrill and ending low. This bird was about the bigness of a lark, having a small sharp black bill and blue wings; the head and breast were of a pale red, and there was a blue streak about its neck (Dampier 1729 [2005:23]).

Mais tarde, Alfred Wallace reconheceu que tinha encontrado 112 espécies de aves e somadas depois num total de 118 espécies de aves da ilha, apresentando simultaneamente também a totalidade de colecção que tinha obtido através do seu assistente pessoal, o Sr. Allen, na grande ilha de Flores. Na sua análise fenomenal e natural, Wallace ficou convencido de que Timor não esteve ligado à Austrália, razão pela qual nenhuma espécie de aves, insectos e mamíferos australianos entrou em Timor. Os mamíferos em Timor ainda estão longe de ser descobertos na sua totalidade, afirmou Wallace.

De um modo geral, estes naturalistas – Dampier, Wallace e Forbes – deram conta da existência da fauna em Timor-Leste, em duas categorias: fauna silvestre e doméstica. A fauna silvestre compreendia: veados, porcos selvagens, macacos, iguanas, búfalos selvagens, lacos, medas, ratos, gatos e cães selvagens; e a fauna doméstica doméstica era constituída por porcos, bois, cavalos, búfalos domésticos, cabras, ovelhas, vaca (*banteng* balinês),

Reflexões finais

A natureza de Timor-Leste era um dos seus maiores atractivos turísticos, uma exuberante e variada vegetação, parte dela endémica ou exclusiva da Insulíndia – nome moderno que designa um conjunto de ilhas que rodeiam a ilha, perto da Austrália e do arquipélago indonésio, nomeadamente, Flores, Alor, Wetar, Leti –, um manto vegetal *sui generis*.

Timor-Leste era também conhecido e ainda hoje, pelas harmoniosas formas e contrastes proporcionados pelas inúmeras plantas exóticas tropicais que se encontram por muitos jardins, grandes e pequenos, do território. Devido às excepcionais condições climáticas da ilha podem, ao longo de todo o ano, e em ambiente natural, florescer

várias espécies florais que podem ser admiradas. São os casos das plantações primárias e secundárias já referidas anteriormente.

Timor surpreende muito a quem a visita, principalmente, os sítios menos procurados pelas hordas de viajantes – que também lá chegam, em cada dia a Timor, alguns europeus que querem desfrutar o seu sonho nesta terra –, que é o mesmo que dizer que a face norte e sul da ilha levam à superação das expectativas positivistas dos visitantes alimentadas irracionalmente antes de visitá-la. É sabido que o desejo de qualquer destino turístico é conseguir criar condições de superação das expectativas do visitante, superação que garante uma publicidade gratuita sobre o destino, consumada precisamente pelo arrebatado turista que vai transmitir uma mensagem positiva, ou muito positiva, sobre o que viu e o que sentiu, influenciando potenciais interessados no destino.

É com prazer que a recomendo aos timorenses que também visitem a sua terra para descobrir as belezas ainda encobertas, como diziam os naturalistas já referidos, que “a vegetação de Timor era abundante”. De facto, a paisagem de Timor, de Ataúro a Betano e de Jaco a Oé-Cussi é exuberante, encerrando belezas ainda por descobrir. Muito dos timorenses conhecem apenas por relatos e obras de estrangeiros que visitaram o país. O apelo que lanço, é sejamos nós também descobrir, apreciar e relatar o que de mais maravilhoso possuímos de forma a sentirmo-nos mais timorenses, como dizia uma canção de Timor-Ocidental: “*Bae sonda bae tanah Timor lebe bae* – Bem ou mal a terra de Timor é melhor”, porque foi constituída por uma flora e fauna maravilhosa.

Bibliografias

- DAMPIER, William (1729). *A Continuation of a Voyage to New Holland*, London: James and John Knapton at the Crown in St. Paul's Churchyard, 2005,
- DUARTE, Jorge Barros. *Timor: Formas de Fraternização*. In separata de *Arquivos do Centro Cultural Português*, XVII, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 538-584.
- FORBES, Anna. *Insulinde: Experiences of a naturalist's wife in the Eastern archipelago*, London: William Blackwood and Sons Edinburgh, 1887.
- FORBES, Henry. “On some of the tribes of the island of Timor”. In *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, Vol 13, 1884.

_____. *A Naturalist's Wandering in the Eastern Archipelago: A Narrative of Travel and Exploration from 1878 to 1883*. New York: Harper & Brothers publishers, 1885.

ROQUE, Ricardo (2008), “*Histórias de crânios e o problema da classificação antropológica em Timor*”. In *E-Cadernos*, Universidade da Coimbra, 2008. 13-36. O texto encontra-se disponível em <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos> (consulta em 5/3/2011).

SMITH, Charles H. “*Cronology of the main events in Wallace's life*”. In <http://www.wku.edu/~smithch/wallace/chronol.htm> (consulta a 5/3/2011).

TAMAGNINI, Maria Isabel. *Diário de uma viagem a Timor 1882-1883*, Lisboa: Cepese, 2002.

THOMAZ, Luís Filipe R (1978) “*O Caso de Timor*”, in *Democracia e Liberdade*, nº 6, Junho, Lisboa: Instituto Democracia e Liberdade.

WALLACE, Alfred Russel. *Notes on the Ornithology of Timor*. 20 de April, Dolly: Timor, 1861.

_____. “A List of the Birds Inhabiting the Islands of Timor, Flores, and Lombock”. a paper read at the ZSL meeting of 24 Nov. 1863, *Proceedings of the Zoological Society of London*, 1863. 480-497.

_____. *Malay Archipelago: The Land of the Orang-Utan and the Bird of Paradise – A Narrative of travel, with Studies of Man and Nature*. New York: Harper & Brothers publishers, 1869.